

DESENHOS OCULTOS

JASON REKULAK



DESENHOS OCULTOS

JASON REKULAK

Ilustrações de Will Staehle e Doogie Horner

Tradução de Jaime Biaggio



Copyright © 2022 por Jason Rekulak, com ilustrações por Will Staehle e Doogie Horner.

TÍTULO ORIGINAL
Hidden Pictures

COPIDESQUE
Rafael Fontes

REVISÃO
Giu Alonso
Allex Machado
Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA
Antonio Rhoden

IMAGEM DE CAPA
Doogie Horner

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R32d

Rekulak, Jason

Desenhos ocultos / Jason Rekulak ; ilustração Will Staehle, Doogie Horner ; tradução Jaime Biaggio. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

Tradução de: Hidden pictures
ISBN 978-65-5560-462-7

1. Ficção americana. I. Staehle, Will. II. Horner, Doogie. III. Biaggio, Jaime. IV. Título.

22-78902

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Mari Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA JULIE

1

Faz alguns anos, eu estava ficando sem dinheiro e me apresentei como voluntária para uma pesquisa da Universidade da Pensilvânia. Seguindo as instruções, fui parar no centro médico do campus em West Philly, num grande auditório abarrotado de mulheres, todas entre dezoito e trinta e cinco anos. Não havia cadeiras para todas e, como fui uma das últimas a chegar, tive que me sentar no chão, tremendo de frio. Havia café e rosquinhas de chocolate de cortesia e uma grande TV ligada no *The Price is Right*, mas quase todo mundo estava no celular. Parecia fila para emplacar o carro no departamento de trânsito, com a diferença de que estávamos sendo pagas por hora, então ninguém reclamava de passar o dia esperando.

Uma médica de jaleco branco se levantou e se apresentou. Disse que se chamava Susan, Stacey, Samantha, algo do tipo, e era bolsista do programa de pesquisa clínica. Leu para nós todos os avisos legais e alertas de praxe e nos lembrou que a remuneração seria na forma de vales-presente da Amazon, não cheques ou dinheiro. Algumas pessoas resmungaram, mas para mim não era problema. Tinha um namorado que comprava esse tipo de coisa de mim por oitenta por

cento do valor. Então por mim tudo bem.

A cada poucos minutos, Susan (acho que era Susan) chamava um nome da prancheta e uma de nós saía do auditório. Ninguém voltava. Logo havia vários assentos vagos, mas eu continuava no chão por achar que, se me movesse, acabaria vomitando. Meu corpo doía e eu sentia calafrios. Mas logo começaram os comentários de que não estava havendo pré-seleção — ou seja, ninguém iria me pedir um exame de urina, checar minha pulsação, nada que pudesse me excluir —, e assim meti um OxyContin na boca e chupei até sair toda a camada amarela cerosa. Cuspi então de volta na palma da mão, usei os polegares para esmagá-lo e cheirei um pouco. Só o suficiente para ficar ligada. Guardei o resto num pedacinho de papel-alumínio para mais tarde. Com isso parei de tremer, e esperar sentada no chão não foi tão ruim assim.

Umás duas horas depois, a médica enfim chamou “Quinn? Mallory Quinn?” e segui pelo corredor ao seu encontro, arrastando meu pesado casaco de inverno com capuz pelo chão atrás de mim. Se ela reparou que eu estava chapada, não disse nada. Só quis saber minha idade (dezenove anos) e data de nascimento (3 de março), conferindo para ver se batiam com as informações na prancheta. E pelo jeito resolveu que eu estava sóbria o bastante, pois me conduziu por um labirinto de corredores até chegarmos a uma salinha sem janelas.

Havia cinco rapazes sentados numa fileira de cadeiras dobráveis. Todos olhavam para o chão, então eu não conseguia ver o rosto deles. Mas concluí que eram estudantes ou residentes de medicina — todos usavam uniformes hospitalares, ainda com o vinco perfeito e com a cor azul-marinho perfeita, como se tivessem acabado de sair da embalagem.

— Muito bem, Mallory, gostaríamos que você ficasse de pé na entrada da sala, de frente para eles. Bem onde tem um X, isso, ali está ótimo. Agora deixa eu falar o que vai acontecer, antes de a gente te vender. — Foi quando percebi que ela segurava uma máscara de

dormir preta, o tipo de viseira macia de algodão que minha mãe usava na cama.

Ela explicou que todos os homens naquele momento estavam olhando para o chão, mas que em algum ponto ao longo dos próximos minutos começariam a olhar para o meu corpo. Minha função seria a de erguer a mão se sentisse o “olhar do macho” sobre mim. Ela me disse para manter a mão erguida enquanto a sensação durasse e baixá-la quando se dissipasse.

— Vamos fazer por cinco minutos, mas pode ser que a gente queira que você repita a experiência depois. Alguma pergunta antes de começarmos?

Comecei a rir.

— Sim. Vocês leram *Cinquenta tons de cinza*? Porque isso aí é o capítulo doze, tenho quase certeza.

Foi a minha tentativa de desconstrair o ambiente. Susan sorriu por educação. Já os caras nem prestaram atenção. Estavam todos concentrados nas pranchetas e sincronizando os cronômetros. O clima na sala era pura e simplesmente profissional. Susan colocou a máscara sobre meus olhos e ajustou a tira para não ficar apertada demais.

— Então, Mallory, está bem assim?

— Sim, claro.

— Pronta pra começar?

— Sim.

— Vamos no três. Senhores, cronômetros a postos. Um, dois, e... três.

É muito estranho ficar parada por cinco minutos, de olhos vendados, numa sala em silêncio absoluto, sabendo que homens podem estar olhando para os seus peitos, sua bunda ou seja lá o que for. Não se ouvia som algum, nenhuma pista que pudesse indicar o que estava acontecendo. Mas eu certamente sentia os olhares. Ergui e baixei a mão um monte de vezes; os cinco minutos pareceram uma hora. Quando terminamos, Susan me pediu para repetir a experiên-

cia, e fizemos tudo de novo. Pedi então para repetirmos mais uma vez! E, quando enfim ela retirou minha venda, todos os caras se levantaram e aplaudiram como se eu tivesse acabado de ganhar um Oscar.

Susan explicou que eles vinham fazendo a experiência ao longo da semana com centenas de mulheres, mas eu havia sido a primeira a obter uma pontuação quase perfeita, acusando o olhar com 97% de precisão nas três vezes.

Ela disse aos rapazes que fariam uma pausa, me levou para a sala dela e começou a fazer perguntas. A saber: como eu percebia que os homens estavam olhando? Eu não conseguia explicar com palavras; simplesmente sabia. Era uma sensação incerta à margem da minha percepção — um certo sentido de aranha. Aposto que você mesma já a sentiu e sabe exatamente do que estou falando.

— Além disso, tem uma espécie de som.

Os olhos dela se arregalaram.

— Sério? Você *ouve* algo?

— Às vezes. É algo bem agudo. Como quando um mosquito voa muito perto do seu ouvido.

Ela tentou pegar o notebook tão rápido que quase o derrubou. Fez uma série de anotações e me perguntou se eu estava disposta a voltar dali a uma semana para mais testes. Respondi que por vinte dólares a hora voltaria quantas vezes ela quisesse. Dei o número do meu celular e ela prometeu me ligar para marcar a data — mas naquela mesma noite, troquei meu iPhone por cinco Oxypynal de 80 mg, de forma que ela não teve como me localizar e nunca mais nos falamos.

Agora que estou sóbria, tenho milhões de arrependimentos — e ter dado meu iPhone numa troca é o menor deles. Mas às vezes me lembro daquela experiência e fico pensando. Tentei achar a médica na internet, mas obviamente não me lembro do nome dela. Certa

vez, peguei um ônibus e fui até o centro médico da universidade. Tentei encontrar o auditório, mas o campus estava todo diferente. Havia um monte de prédios novos, mudaram tudo de lugar. Tentei buscar no Google expressões como “detecção de olhar” e “percepção de olhar”, mas todos os resultados dizem não se tratar de fenômenos reais — não há prova de que qualquer pessoa tenha “olhos nas costas”.

E acho que me conformei com o fato de que a experiência nunca tenha acontecido, de ser uma das minhas muitas falsas memórias criadas pelo abuso de oxicodona, heroína e outras drogas. Meu padrinho do N.A., Russell, diz que memórias falsas são comuns em viciados. Segundo ele, o cérebro de um viciado “se lembra” de fantasias felizes para evitar ter que explorar memórias reais — tudo de vergonhoso que fizemos para ficarmos chapados, todas as maneiras escrotas com que magoamos gente boa que nos amava.

— Escuta só os detalhes da sua história — ressalta Russell. — Você chega no campus de uma universidade distinta da Ivy League. Chapada de heroína barata, mas ninguém se importa. Entra numa sala cheia de médicos jovens e bonitões, que passam quinze minutos secando o seu corpo e te aplaudem de pé! Por favor, né, Quinn. Não precisa ser o Freud para decifrar um negócio desses!

E ele está certo, obviamente. Um dos piores aspectos da recuperação é aceitar o fato de que seu cérebro não é mais confiável. Aliás, é preciso entender que ele se tornou seu pior inimigo. Ele o conduzirá a fazer más escolhas, a atropelar a lógica e o senso comum, além de deformar suas memórias mais preciosas, transformando-as em fantasias impossíveis.

Mas eis algumas verdades absolutas:

Meu nome é Mallory Quinn e tenho vinte e um anos.

Estou há dezoito meses em recuperação e posso dizer com toda a honestidade que não tenho vontade de usar álcool ou outras drogas.

Fiz o programa dos Doze Passos e entreguei minha vida a meu

senhor e salvador Jesus Cristo. Ninguém me verá distribuindo bíblias na esquina, mas rezo todos os dias para que ele me ajude a me manter sóbria. Tem funcionado por ora.

Moro na zona nordeste da Filadélfia, em Safe Harbor, um lar municipal para mulheres em diferentes estágios de recuperação. Não a chamamos de “casa de recuperação”, mas de “casa de passar de ano na média”, pois todas já nos provamos sóbrias e assim ganhamos uma série de direitos. Fazemos nossas próprias compras, cozinhamos nossas próprias refeições, estamos livres de um monte de regras chatas.

De segunda a sexta, sou professora-assistente na Aunt Becky Childcare, uma casa geminada infestada de ratos com sessenta alunos entre dois e cinco anos de idade. Grande parte da minha vida consiste em trocar fraldas, distribuir salgadinhos e colocar DVDs da *Vila Sésamo*. Depois do trabalho, dou uma corrida e vou a uma reunião ou então fico em Safe Harbor com minhas colegas de casa e vemos filmes do canal Hallmark, como *Sailing Into Love* e *Forever In My Heart*. Pode rir à vontade, mas garanto que você nunca vai sintonizar lá e ver um filme em que uma prostituta cheira carreirinhas de pó. Pois eu não preciso desse tipo de imagem ocupando espaço no meu cérebro.

Russell aceitou me apadrinhar porque eu gostava de correr grandes distâncias e ele tem um currículo longo de treinador de velocistas. Russell foi técnico-assistente da equipe olímpica dos Estados Unidos nos Jogos de Seul, em 1988. Posteriormente comandou as campanhas vitoriosas de times do Arkansas e de Stanford em campeonatos de atletismo da NCAA. E depois, chapado de metanfetamina, atropelou seu vizinho de porta. Ele passou cinco anos preso por homicídio culposo e depois se tornou pastor. Agora apadrinha cinco ou seis viciados por vez, a maioria atletas decadentes como eu.

Russell me inspirou a voltar a treinar (ele chama de “correr rumo à recuperação”) e toda semana prepara séries personalizadas para mim, alternando corridas longas e séries intercaladas em torno do

rio Schuylkill com exercícios de musculação e condicionamento na ACM. Russell tem sessenta e oito anos e uma prótese de quadril, mas ainda levanta mais de noventa quilos e, nos fins de semana, aparece para treinar comigo, dar conselhos e palavras de incentivo. Vive lembrando que corredoras atingem o ápice aos trinta e cinco anos de idade, que meu melhor momento ainda está por vir.

Também me encoraja a fazer planos para o futuro — começar de novo em outro ambiente, bem longe de amigos e hábitos antigos. Por isso me arrumou uma entrevista de emprego com Ted e Caroline Maxwell, amigos de sua irmã que acabaram de se mudar para Spring Brook, Nova Jersey. Querem uma babá para o filho de cinco anos, que se chama Teddy.

— Acabaram de voltar de Barcelona. O pai trabalha com computadores. Ou é com negócios? Alguma coisa que paga bem, não me lembro dos detalhes. Enfim, se mudaram para cá para o garoto começar a escola no segundo semestre. Ele vai para o jardim de infância. Querem que você fique até setembro. Mas vai que dá certo? Quem sabe você não continua com eles?

Russell insiste em me levar de carro para a entrevista. Ele é desses caras que está sempre com roupa de ginástica, mesmo quando não pretende se exercitar. Hoje está de agasalho de corrida da Adidas preto com listras brancas. No SUV dele, cruzamos a ponte Ben Franklin na pista da esquerda, com tráfego na direção contrária, e seguro com força na alça de segurança acima da janela, olhos fixos no meu colo, tentando não surtar. Não me dou muito bem com carros. Só ando de ônibus e de metrô para todo canto e é a primeira vez que saio da Filadélfia em quase um ano. Só cruzamos dezesseis quilômetros na direção dos subúrbios, mas para mim a sensação é de estar a caminho de Marte.

— Qual o problema? — pergunta Russell.

— Nada.

— Você está tensa, Quinn. Relaxa.

Relaxar como, com esse ônibus enorme à nossa direita? Parece um Titanic com rodas e passa tão perto que daria para botar a mão para fora da janela e tocá-lo. Espero o ônibus ir embora para que eu possa falar sem gritar.

— E qual é a da mãe?

— Caroline Maxwell. Médica do Hospital dos Veteranos. É lá que a minha irmã Jeannie trabalha. Foi assim que fiquei sabendo dela.

— E o que ela sabe sobre mim?

Ele dá de ombros.

— Sabe que você está sóbria há dezoito meses. Que foi muitíssimo bem recomendada por mim.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Fica tranquila. Conte para ela toda a sua história e ela quer muito conhecer você. — Devo estar com uma expressão de ceticismo, pois Russell insiste. — Essa mulher ganha a vida trabalhando com viciados. E os pacientes dela são veteranos do exército. Estou falando de fuzileiros, com traumas pesados da guerra no Afeganistão. Não quero fazer pouco de você, Quinn, mas comparada com eles, a sua história não assusta tanto assim.

Algem babaca em um Jeep joga um saco plástico pela janela e não há espaço para desviar. O saco nos acerta a quase cem por hora e ouço aquele PÁ! de vidro se espatifando. Parece a explosão de uma bomba. Russell se limita a estender a mão para o ar-condicionado e aumentá-lo um pouco. Fico de olhos fixos no colo até ouvir o motor perder potência, até sentir a curva suave da saída da estrada principal.

Spring Brook é um daqueles povoados do sul de Nova Jersey que existem desde os dias da Revolução Americana, cheio de casas em estilo colonial e vitoriano com bandeiras dos Estados Unidos pendendo da varanda. O asfalto das ruas é liso, as calçadas impecáveis. Não se vê lixo em canto algum.

Paramos num sinal de trânsito e Russell abre a janela.

— Está ouvindo? — pergunta.

— Não ouço nada.

— Exatamente. É uma paz. Perfeito para você.

O sinal abre e chegamos a uma sequência de três quarteirões de lojas e restaurantes — um de comida tailandesa, uma loja de sucos e vitaminas, uma padaria vegana, uma creche para cachorros e um estúdio de ioga. Há um “Clube de Matemática” para aulas de reforço e uma pequena livraria com um café. E, é claro, uma Starbucks cheio de jovens e adolescentes na porta, todos mexendo em iPhones. Parece a garotada de um comercial da Target. As roupas são coloridas e os calçados, novinhos em folha.

Russell então entra numa rua secundária e passamos em frente a uma sequência de perfeitas casas suburbanas. Árvores altas e imponentes levam sombra às calçadas e irradiam cor pelo quarteirão. Placas com letras garrafais dizem CUIDADO: CRIANÇAS — DIMINUA A VELOCIDADE! e, quando chegamos a uma encruzilhada com quatro vias, um guarda sorridente com traje de segurança de néon faz sinal para passarmos. Tudo é tão minuciosamente detalhado que parece um cenário de filme.

Por fim, Russell para no acostamento, à sombra de um salgueiro-chorão.

— E então, Quinn? Pronta?

— Não sei.

Baixo o espelho interno do carro e checo minha aparência. Russell sugeriu que me vestisse como uma monitora de acampamento de verão: camisa verde de gola alta, short cáqui e Keds brancos impecáveis. Meu cabelo ia até a cintura, mas ontem cortei o rabo de cavalo e doei para uma instituição de caridade para pessoas com câncer. Me restou um corte chanel preto descolado, e já nem me reconheço mais.

— Dois conselhos de graça pra você — diz Russell. — Primeiro, não deixe de dizer que o menino é talentoso.

— Como eu vou saber que é?

— Não importa. Aqui nessa cidade, todas as crianças são. Dá um jeito de levar a conversa pra esse lado.

— Ok. E o outro conselho?

— Bem, se a entrevista estiver indo mal, ou se achar que eles estão em cima do muro, você pode muito bem oferecer isto aqui.

Ele abre o porta-luvas e me mostra algo que eu realmente não quero ter que levar para dentro da casa.

— Ah, Russell, não sei.

— Leva, Quinn. Encare como um trunfo. Não é obrigatório usá-lo, mas talvez seja preciso.

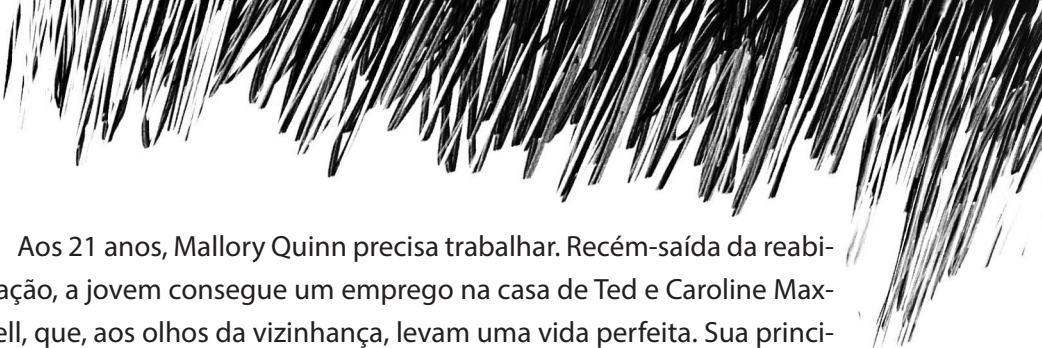
E eu já ouvi histórias de terror suficientes na reabilitação para saber que ele está certo. Pego aquela porcaria e enfio bem no fundo da minha bolsa.

— Beleza então — digo a ele. — Obrigada por me trazer.

— Vou te esperar na Starbucks. Me dá uma ligada quando acabar e te levo de volta.

Digo mais uma vez que estou bem, que posso voltar de trem, e insisto para que Russell volte logo para casa antes que o trânsito piore.

— Tá, mas me liga quando acabar — diz ele. — Quero ouvir todos os detalhes, ok?



Aos 21 anos, Mallory Quinn precisa trabalhar. Recém-saída da reabilitação, a jovem consegue um emprego na casa de Ted e Caroline Maxwell, que, aos olhos da vizinhança, levam uma vida perfeita. Sua principal função é tomar conta de Teddy, o filho de cinco anos.

Mallory imediatamente se apaixona pelo trabalho: mora em um lugar só seu, sai para dar suas corridas noturnas e alcança a tão desejada estabilidade. Além disso, constrói laços sinceros com Teddy, um menino doce e tímido que nunca abandona seu caderno e seu lápis. Em seus desenhos, aparecem os elementos de sempre: árvores, coelhos, balões... Mas um dia, algo diferente surge no papel: um homem em uma floresta, arrastando o corpo inerte de uma mulher.

A partir daí, as ilustrações de Teddy vão se tornando cada vez mais sinistras, e seus bonequinhos de palito logo se transformam em desenhos altamente realistas impossíveis de serem feitos por uma criança de cinco anos.

Assustada, Mallory começa a se questionar se os desenhos não seriam vislumbres de um assassinato sem solução ocorrido décadas atrás nas redondezas, talvez relacionados a uma força sobrenatural. Agora, ela precisa correr contra o tempo para decifrar as imagens e salvar Teddy antes que seja tarde demais.

“Sagaz, assustador e com uma trama magistral”, segundo Ransom Riggs (*O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares*), *Desenhos ocultos* contém uma série de ilustrações que permeia o livro inteiro e é fundamental para compor sua narrativa. O resultado é um clima sombrio a cada página, com reviravoltas de tirar o fôlego.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1206/>

